

Apresentação

Maria Stella Martins Bresciani

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LOPES, MB. *O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. 136 p. ISBN: 85-85676-60-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Apresentação

O presente texto deve ser lido como um ensaio. Nele, travamos uma luta implícita contra a rigidez das palavras: tipo, civilização, regeneração, moderno.

Buscamos anular os pólos passado-presente e indagar o sentido histórico congelado na representação de 'O Rio de Janeiro Civiliza-se'. Visamos à centelha benjaminiana, brilho do olhar relativista. Com as citações, estabelecemos cortes dinâmicos no texto, visualizamos margens e induzimos o leitor a comparar. Texto e imagem diversificam os acessos às questões formuladas.

A força do detalhe se nutre de um trabalho de quatro anos e meio, quando fomos reunindo uma vasta gama de material pesquisado: legislação, teses médicas, artigos de revistas especializadas e de jornais, projetos arquitetônicos de saneamento da cidade e de suas edificações, relatórios, pareceres, mapas, fotos, gráficos e charges. A riqueza das fontes muito nos impressionou e por pouco não ficamos presos à trama da memória da cidade do Rio de Janeiro. Exercitamo-nos na resistência à sedução das imagens primorosamente trançadas durante o período estudado. Nosso terreno de observação é temático e nosso ponto de partida é: como as questões relacionadas à saúde dos cariocas se transformam?

A confecção do texto, a tentativa de resgatar toda a atualidade das fontes, nos colocou um desafio. Como movimentarmo-nos pela trama urbana? Como não repetirmos as sínteses e os deslocamentos operados na construção da imagem do Rio de Janeiro, cartão-postal do Brasil? Resolvemos mergulhar nas fontes, encarar o risco e utilizar o material pesquisado, fazendo vibrar experiências perceptivas da cidade diluídas na representação imagética. Questionamos os recortes e as delimitações da memória histórica. Buscamos a diversidade de forças e esperanças presentes nos projetos para a cidade carioca. Talvez o leitor se choque com a quantidade de informações presente no texto. Para além das paisagens, da suavidade das visões totalizantes, claras e unificadoras, obtidas do alto da cidade, convidamos o leitor a realizar um percurso pelo avesso da trama urbana.

No *primeiro capítulo* experimentamos o bombardeamento de informações, a justaposição de códigos, a cidade em permanente construção e demolição. Seguindo esta estratégia de redação, propusemo-nos a intervir nas imagens cristalizadas na memória histórica da cidade. A primeira questão é: como um sentido da história da cidade do Rio de Janeiro no início deste século se produz e é transmitido?

A representação da história desse período é composta por imagens que seguem o modelo mortuário da fotografia do século XIX.¹ A fotografia, ao enquadrar cenas e congelar tipos, é uma das facetas da produção da memória histórica do período. As fotos, enquanto testemunho de um olhar instrumentalizado, operam um recorte no tempo e no espaço e impõem um sentido à aproximação perceptiva da

¹“Tomar uma fotografia é como participar da mortalidade e mutabilidade de uma pessoa (ou objeto). Precisamente por lapidar e cristalizar determinado instante, toda fotografia testemunha a dissolução inexorável do tempo.”
(SONTAG, 1982:15;
BARTHES, 1981;
MÉREDIEU, 1984).

cidade. A seriação apaziguada da dinâmica urbana opera uma redução do processo histórico do período em estudo. O movimento é estancado na produção imagética do antes e depois da remodelação urbana. As fotografias e caricaturas são elementos importantes na construção do roteiro oficial do teatro urbano dividido na seguinte seqüência:

Ato 1: A CIDADE COLONIAL

Entreato: A CRISE URBANA

Ato 2: SANEAMENTO E REMODELAÇÃO DA CAPITAL DO BRASIL – O RIO DE JANEIRO CIVILIZA-SE

A concepção teatral da história modifica a perspectiva: os diferentes ângulos do objeto retratado são aplainados. Analogamente, na fotografia panorâmica, para o alcance visual da câmara ampliar-se em extensão, reduzem-se os ângulos do objeto retratado. Eleger um sentido para a aproximação da história do período não produz um resultado semelhante ao obtido pela técnica de confecção dos panoramas?

No *segundo capítulo*, observamos o debate travado entre os clínicos positivistas e os adeptos da bacteriologia e da anatomia patológica. Por um lado, o resultado da vacina antivariólica divulgado por Jenner (1749-1823) no fim do século XVIII é cristalizado e os médicos elegem a vacina o marco zero da medicina científica. Por outro, os médicos positivistas criticam a generalização do resultado de Jenner na teoria dos germes. As duas concepções em conflito se tangenciam em alguns pontos: na relação normal/patológico e no conceito de regulação biológica.

Abrimos o *terceiro capítulo* com comentário de um jornal antivacinista inglês – cuja circulação chegou a superar os cem anos – sobre a Revolta da Vacina.

Indicamos uma visão estereotipada comum no período em estudo – a Revolta exprime o atraso da civilização brasileira diante do avanço da ciência. José Murilo Carvalho e Nicolau Sevcenko não endossam tal ponto de vista, mas passam ao largo do discurso do IAPB, importante interlocutor, na medida em que seu discurso desmonta esta visão da história. Os membros do IAPB apontam as divisões na corporação médica e científica e mostram como uma medida que se pretende universal coloca desafios técnicos que a comprometem. Limitamo-nos aqui aos exemplos mais importantes: a desativação da vacina por ocasião de seu transporte e a transmissão da sífilis pela vacinação antivariólica.

Durante a Revolta, a apropriação das ruas, a quebra de lampiões, a virada de bondes e a construção de barricadas formam uma experiência singular de alguns habitantes no espaço urbano. Há uma recodificação da grafia urbana, em que os símbolos da civilização são reapropriados e se transformam em táticas de luta da população. Ação física que atinge alvos precisos e expressa uma trajetória do desejo

.....
 da população amotinada. A idéia de que a partir da remodelação do espaço são criados novos hábitos na população, é invertida. A nova forma de apropriação do espaço, criada pela multidão, se traduz como negação das normas de gestão da cidade moderna. O roteiro do teatro urbano e a idéia linear e positiva do progresso são questionados pela ação popular.

* * * * *

Em contrapartida à solidão do escritor, este trabalho foi tecido com fios de deliciosos encontros. Nas suas entrelinhas, recobramos o fôlego em andanças interdisciplinares, em permutas, em laços de amizades que foram se desenhando. Devido à distância temporal que separa a elaboração e a publicação do texto, indicamos alguns desenvolvimentos futuros e optamos por conservar a estrutura original, como expressão de um momento deste percurso.

Aos funcionários, diretores ou proprietários dos arquivos, bibliotecas e institutos onde pesquisamos, agradecemos a atenção e a generosidade em ceder os direitos de reprodução das imagens.

À brilhante Maria Stella Martins Bresciani agradeço o talento de somar o trabalho e a amizade.

Aos velhos amigos e leitores: a Teodoro Rennó Assunção, crítico das primeiras frases; à Cecília e Dirce Neves Ribeiro, intérpretes das músicas satíricas.

Aos demais professores do Instituto de Filosofia de Ciências Humanas (IFCH/UNICAMP) dos anos 80 agradeço as indicações bibliográficas; em especial, a Alcir Lenharo, *in memoriam*, a leitura atenta, ao lado de Maria Sylvia Carvalho Franco e Ítalo Tronca, todos argüidores na banca de mestrado. A Maria José Trevisan e Jeanne Marie Gagnebin agradeço a 'ciência feminina'.

No Rio de Janeiro, sou grata à receptividade dos pesquisadores cariocas, em especial, Paulo Gadelha e Marly Brito; Ângela Pôrto, a troca de informações acerca dos positivistas e Sérgio Carrara, amigos e colegas.

A pesquisa contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Aos amigos de todas as horas, Adriana Carvalho, Ana Fonseca, Fátima Amaral, Fernando Mencareli, Hélio Solha, João Bueno e Fátima Guimarães, pelo apoio incondicional.

À minha grande família agradeço o carinho e o apoio.

À Alice, 'solzinho' que nasceu após este trabalho, com muito amor.

E finalmente, a Kenji Ota.